

João de Portugal

Inquérito literário

I—DEPOIMENTOS DOS SENHORES:

*Dr. Julio de Matos—H. Lopes de Mendonça—
Teixeira de Pascoais — Dr. Augusto de Castro—
Gomes Leal — João Grave — Gonçalves Viana—
Dr. F. Adolfo Coelho—Dr. Veiga Simões—Julio
Braldão—Visc. de Vila Moura—Malheiro Dias—
etc.*

II—RÉPLICAS DE OUTROS ESCRITORES.

III—COMENTARIOS DA IMPRENSA.



LISBOA
LIVRARIA CLÁSSICA EDITORA
DE A. M. TEIXEIRA

17, Praça dos Restauradores, 17
1915

Sala de Bilhar

A. 71 P. 3

Livros. 1327

A. Fernandes
168-916

Inquérito
á
vida literária
portuguesa

TIP. DA EMP. LIT. E TIPOGRÁFICA
(OFICINAS MOVIDAS A ELECTRICIDADE)
178, R. ELIAS GARCIA, 184 - PORTO

Sala de Bilhar

A. 71 P. 3

Livro. 1327

Boavidatorugal

Inquérito literário

I—DEPOIMENTOS DOS SENHORES:

*Dr. Julio de Matos—H. Lopes de Mendonça—
Teixeira de Pascoais—Dr. Augusto de Castro—
Gomes Leal—João Grave—Gonçalves Viana—
Dr. F. Adolfo Coelho—Dr. Veiga Simões—Julio
Brandão—Visc. de Vila Moura—Malheiro Dias—
etc.*

II—RÉPLICAS DE OUTROS ESCRITORES.

III—COMENTARIOS DA IMPRENSA.



LISBOA
LIVRARIA CLÁSSICA EDITORA
DE A. M. TEIXEIRA
17, Praça dos Restauradores, 17
1915

sala de Bilhar

A. 71 P. 3

Livros. 1327

✓
Uma Réplica

Ao snr. dr. Adolfo Coelho

Agora é o colaborador d'«A Águia», snr. Fernando Pessoa, que vem responder ao illustre filólogo e lente da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, snr. dr. Adolfo Coelho, que não crê no «super-Camões».

Envia-nos a seguinte carta:

*Meu caro amigo — O convite geral feito na sua secção de inquérito literário, e aquele com que verbalmente honrou a obscuridade ou a juventude do meu nome, foram, como sabe, de principio aceites por mim para, no seu jornal, levantar a luva que inquiridos vários arremessaram á *Renascença Portuguesa*. Lançado, porém, que por mim fui no caminho da contra-argumentação, breve verifiquei que, tendo por dever meu responder a tudo quanto no seu inquérito se dissesse contra a *Renascença Portuguesa*, as dimensões escritas da resposta excederiam, e de muito, as dimensões de um artigo de jornal; ao passo que a nulidade do meu nome, por mais que o meu raciocínio lhe fosse capa para o público, impedia-me de, sequer, pensar em pedir-lhe a inserção de artigos sobre artigos, discutindo,*

ponto por ponto, a como que argumentação dos adversários da nossa novíssima poesia. Resolvi, por isso, guardar para folheto a resposta extensa e completa a quantos simulacros de objeções várias competências nominais houvessem deixado cair nas suas colunas. Preparo êsse folhêto, que a *Renascença Portuguesa* editará.

Nesta atitude me conservaria, se o Prof. Adolfo Coelho não tivesse feito incidir uma parte do seu depoimento sobre um artigo meu, publicado na *A Águia*, e que visa precisamente a explicar, na sua significação sociológica, a nossa novíssima poesia; chamado assim, como que por meu nome, á baila jornalística, sinto-me com o direito e o dever de abrir uma clareira na minha renúncia á publicidade maior e a valer-me, na extensão de um artigo, do seu amavel convite.

Os argumentos que empregarei contra as objeções do Prof. Adolfo Coelho servir-me-ão, ao mesmo tempo e de sumário modo, de resposta geral a outras adversas referências feitas á *Renascença Portuguesa* e á nossa nova poesia; porquanto, explicativos como são daquelas, implicita resposta levam a todos os seus inimigos. Isto não exclue— bom é que se note—a mais detalhada resposta no folheto. Apenas a prepara e imperfeitamente a resume.

Por ora, pois, responderei apenas ás vagas objeções feitas contra o character renovador e grande da nossa novíssima poesia pelo Prof. Adolfo

Coelho no seu quasi-erudito artigo. Esse artigo é sereno e aparentemente lucido e motivado; infelizmente, quem se dêr ao trabalho de lhe procurar o fio condutor de uma lógica, encontra-lhe uma intima desconexão, desmentindo a sua fisionomia de ligado e conexo.

Seja como fôr, perscrutemos em que se baseia o Prof. Adolfo Coelho para descrêr de uma renascença literária em Portugal e de ser a nossa poesia novíssima representativa dessa renascença. Cinge-se a duas considerações, que era dispensavel que estivessem submersas em elementos accidentais e anecdoticos. Essas duas objecções, que não pecam por explicitas nem por argumentadas se perdem, são: 1.º—que a nossa nova poesia não mostra avanço, especialmente no que diz respeito á grandeza individual dos seus representantes, sobre a poesia da geração de 1860 a 1870; 2.º—que não mostra avanço espiritual—isto é, em compreensão da Natureza, expressão de emoções, etc.—sobre qualquer outra corrente poética—a romântica, suponha-se, consoante exemplos indicados de Byron e Victor Hugo. Concretizando mais: para o Prof. Adolfo Coelho a nossa novíssima poesia nem pela grandeza dos seus poetas, nem pela originalidade e grandeza do seu character geral se impõe como poesia característica de uma renascença; ou mesmo de um grande periodo poético. Isto é o essencial e o basilar do artigo; o resto ou provém disto ou não tem nada que vêr para o caso.

As duas considerações citadas reduzem-se, para o contra-argumentador, a uma só. É que a grandeza dos poetas de uma corrente literaria está sempre em relação com a originalidade, o equilibrio e a *nacionalidade* (isto é, o character nacional) dessa corrente. Não se pôde apontar em toda a historia literária movimento que tenha surgido com character de originalidade, equilibrio e nacionalidade que não tenha sido representado por, revelado atravez de grandes figuras de poeta, e grandes na precisa proporção em que essa corrente é nacional, original e equilibrada.

Assim, as duas poesias que mais se nos oferecem como brotando inesperadas e originaes do seio dos seus povos, são a poesia grega e a poesia de Renascença—preeminentemente, a da Renascença inglesa. A primeira surge como que virgemmente, anadiomenticamente, do oceano escuro do tempo; liga-se por episodios e elementos míticos á anterior poesia da India, mas a sua essencia, a sua *alma*, a sua assombrosa alma lucida e profunda, é-lhe original e própria. De modo igualmente flagrante rompe da noite da idade chamada média a poesia que, começando em Dante, culmina em Shakespeare e acaba em Milton.

Todas as outras épocas literárias são inferiores a estas duas em originalidade. Todas descendem muito mais evidentemente do passado do que estas.

O proprio Romantismo não destaca da Renas-

cença ou mesmo do século dezoito como a Renascença surge da idade-média e a poesia grega do que lhe é anterior. Isto é incontestável.

Ora é precisamente nos dois periodos verificados como os maiores da literatura em materia de originalidade que aparecem as maiores obras individuais, as maiores figuras individuais de poetas. Porque é fóra de dúvida para quem tenha mais do que um vácuo de compreensão que as alturas máximas da poesia estão na *Iliada* e em Shakespeare, e, logo abaixo, nos dramaturgos gregos o nos dois épicos supremos da Renascença, Dante e Milton. De modo que a questão se reduz simplesmente a procurar o grau de originalidade, equilibrio e nacionalidade no actual periodo poético português; se essas forem constatadas grandes, inevitavelmente se terá de concluir ou que os novissimos poetas nossos são grandes poetas, ou caso seja impossivel considerá-los como tais, que brevemente surgirão grandes poetas ou, pelo menos, um grande poeta na nossa nova poesia.

Mas a questão póde ser posta á prova mais restritamente analisando. Em primeiro lugar, escusamos de perscrutar a *nacionalidade* de uma poesia: se se prova a sua plena e equilibrada originalidade, fica ipso facto, provado o seu character de absolutamente nacional. Porque se a poesia de uma nação é em certo periodo em absoluto original, de onde lhe poderá vir essa originalidade, esse poder de ser diversa e outra do que todas as outras poesias, se-

não de ser a genuina e suprema interpretação do que êsse país tem de essencialmente diverso e outro do que outros países — e isso é ser tal país e não outro, é a *raça*. Fica, portanto, restrita a nossa investigação a constatar a existência ou não-existência, na nossa nova poesia, de originalidade e equilibrio.

Mas mesmo isto é escusado. O caso é *saber* constatar originalidade: pois que perfeita e verdadeira originalidade não existe sem equilibrio perfeito. Vejamos porquê. Primeiro em que consiste o equilibrio de um psiquismo qualquer, individual ou colectivo? Essencialmente no grau da sua atenção ao mundo exterior; e quanto mais êle é atento no mundo exterior, tanto maior seu equilibrio é. E em que consiste a originalidade? Em ter ideias inteiramente proprias e individuais; e «inteiramente individuais e proprias» quer dizer inteiramente subjectivas. Como, porém, o espirito elabora impressões vindas do exterior, a originalidade será tanto maior quanto maior fôr o numero de impressões do exterior que o espirito é capaz de acolher e elaborar para originalidade; isto é, quanto maior fôr a sua atenção ao mundo exterior; quer dizer, pois, quanto maior fôr o seu equilibrio. Portanto originalidade verdadeira e perfeita envolve, equilibrio, nunca é senão originalidade equilibrada.

Mas como é que se póde medir a originalidade de uma corrente literária? Em que é que consiste, propriamente, essa originalidade? Vejamos primeiro

o que é uma corrente literária. É manifestamente uma comunidade de ideias ou intuições característica de poetas e literatos de uma época. Qual é a base de uma comunidade de ideias? Um fundamental conceito igual das coisas, uma igual atitude perante o universo e a vida.

O que é um comum conceito do universo e da vida? Um comum conceito do que constitue a realidade. O ponto único, portanto, para onde tem de convergir a nossa atenção é este—se a nova poesia portuguesa envolve qualquer conceito novo do que é a realidade, se a sua atitude perante o universo e a vida é uma atitude inteiramente nova.

Ora Portugal pertence á civilização europeia ocidental; a sua evolução, literária ou outra, tem vindo integrada, portanto, na evolução literária ou outra, dessa civilização. E visto que essa civilização tem, em literatura porque em tudo, uma linha evolutiva, se a nossa nova poesia traz qualquer coisa de original em si, essa originalidade deve ser o principio de um novo estadio na linha evolutiva da civilização em que Portugal está integrado—nova Renascença portanto que de Portugal se derramará para a Europa, como da Italia para a Europa se derramou a outra Renascença. Mas se essa originalidade, a ser verdadeira, representará um novo estadio na geral linha evolutiva literária da Europa, a sua natureza deve ser de certo modo deduzível dos anteriores estadios da evolução literária europeia. O que temos portanto que fazer é

analisar os estadios anteriores da evolução literária da Europa moderna, deduzir dessa análise quais devam ser os característicos do estadio literário seguinte, e depois comparar êsses característicos deduzidos com os característicos da nossa novíssima poesia. Se houver coincidência, teremos provado a nossa tése.

Os dois estadios literários da civilização europeia moderna são a Renascença e o Romantismo. Analisemos os característicos dêstes, deduzamos depois os prováveis característicos do periodo literário que se lhes deve seguir e comparemos finalmente êsses característicos com os da nova poesia portuguesa.

Qual é a atitude da Renascença perante o Universo e a vida? O que é que para ela constitue essencialmente a Realidade? É a alma e só a alma: a Renascença não tem o sentimento da Natureza. Vejamos. Quais são as formas poeticas da Renascença? São ou poemas de amôr (Petrarcha), ou poemas de acção humana (os poetas épicos) ou dramas (Shakespeare e os dramaturgos do seu tempo). São portanto tres formas de poesia de Alma, só de Alma—visto que tratam ou do sentimento que liga as almas—o amôr—; ou de acção humana, acção de almas, portanto; ou, no seu poeta culminante, Shakespeare, mais completamente ainda de almas em acção. Quanto á Natureza, os poetas da Renascença não a *sentem*, por mais nitidamente que a *vejam*: assim, o mais observador de todos êles, Sha-

Shakespeare, não é poeta perante a Natureza, é observador simplesmente. Descreve o que vê em maravilhosos versos; mas nenhuma simpatia o liga a essa Natureza que tão nitidamente vê.

Dá-se com o romantismo o caso inverso. Para os românticos a única verdadeira Realidade é a Natureza; da Alma conhecem só cada um a sua alma individual. Daí o caracter inteiramente diverso da poesia romantica em relação á da Renascença. A sua noção da acção humana é fraca e descontínua, de modo que são incapazes de elaborar uma epopeia. A sua fraqueza psicológica é conhecida: os unicos românticos capazes de alguma intuição psicológica, Goethe e Shelley, apoiam-se ao passado, á tradição da Renascença, na figura de Shakespeare, para beber psicologia. E o resultado? Grande como é em outras coisas, Goethe-psicologo não se pode medir, não digamos já com Shakespeare, mas mesmo com outros dramaturgos—Webster, por exemplo—da epoca shakespeareana. Shelley, para escrever *The Cenci*, estudou atentamente os processos shakespeareanos—e o que resultou, ainda que belo, não se pode comparar em intuição dramatica sequer com a obra de outros tais que Webster.

Esta diferença entre os poetas da Renascença e os do Romantismo colhe-se flagrantemente no modo como pensam.

Os poetas da Renascença pensam por *ideias* ou por abstracções: os românticos pensam por *ima-*

gens. Isto é, os primeiros pensam em termos de Alma, os segundos em termos de Natureza. Nenhum romântico poderia escrever um soneto como o *Alma minha gentil*, tão despido de imagens, tão *directamente* exprimindo a alma.

Ora, sendo estes os característicos dos dois grandes periodos da poesia europeia moderna, será possível deduzir dêles os característicos que deverá ter o grande periodo da poesia que se lhes seguirá? A dedução não é facil; é facilima. Para a Renascença a Realidade é a Alma; para o Romantismo a Realidade é a Natureza. Ora, como o nosso conhecimento não tem outros objectos além da Alma e da Natureza, a nova Renascença (chamemos-lhe assim) não tem outra coisa que tomar para Realidade. A sua originalidade só poderá vir portanto *de uma fusão do psiquismo da Renascença com o psiquismo do Romantismo*.

Não há outra hipótese concebivel.

Essa fusão, porém, produz um facto curioso—a coexistencia de dois sentimentos da Realidade, uma dupla noção de Realidade. Mas só póde haver noção de *uma* Realidade; a Realidade é concebivel só como *uma*. Resulta, portanto, que para a Nova Renascença a Realidade deverá ser *fusão de Natureza e Alma*. A realidade será pois *Natureza-Alma*. Isto é, pela Nova Renascença a *Natureza será concebida como Alma*.

Ora eu creio que o professor Adolfo Coelho é suficientemente inteligente para perceber que esta-

mos em plena descrição da nova poesia portuguesa. Os característicos que deduzimos como devendo infalivelmente ser os da poesia da Nova Renascença *coincidem em absoluto com os característicos patentes da nossa novíssima poesia.*

Provas? Devem ser escusadas para qualquer creatura capaz de seguir um raciocínio e ler uma página. Leia o professor Adolfo Coelho as poesias caracteristicas dos nossos novissimos poetas; medite todos os artigos de Teixeira de Pascoais—cada verso trõe o conceito de Natureza-Alma, cada frase dèsses artigos o exprime.

Para não fugir, porém, ao exemplo directo e individual, examinemos aqueles dois trechos citados por mim e re-citados pelo professor Adolfo Coelho, cuja erudita incompreensão não encontrou diferença entre êles e uma estancia, citada, de Byron, inteiramente diversa no seu sentimento, perfeitamente romantico, de Natureza como Natureza. O primeiro trecho é este, de Jaime Cortezão:

E, mal o luar os molha,
Os choupos, na noite calma,
Já não teem ramos nem folha,
São apenas choupos de alma.

Aqui temos, flagrantissimamente, o material concebido como espiritual—*choupos de alma.* Vejamos o outro trecho: são os dois versos de Pascoais:

A folha que tombava
Era alma que subia.

Aqui temos o *acto material*, que é a queda de uma folha, concebido como *acto espiritual*; e repare o professor Adolfo Coelho que Pascoais *não compára* a queda da folha á ascensão da alma—a queda da folha, *é materialmente*, a subida da alma.

Comparando estes maravilhosos trechos a trechos de Byron e de Victor Hugo, mostrou o professor Adolfo Coelho que não sabe olhar para além das palavras, e da méra gramática das frases.

Eu bem sei que o professor Adolfo Coelho *não pode sentir* a nossa nova poesia; ouso esperar que possa comprehendê-la de longe, através do meu raciocínio.

Que provámos, pois?

Que a nossa nova poesia é a poesia auroral de uma Nova Renascença, que é uma poesia perfeita e plenamente original. Mas, como acima vimos, se é perfeitamente original, é equilibrada: erram portanto os que a consideram doentia e confusa, lançando sobre ela a sombra da sua própria incompreensão.—Se é original e equilibrada resulta, como acima provámos, que *é inteiramente nacional*: erram portanto quantos falam em estrangeirismo a proposito dela.—Se é original, equilibrada e nacional produz ou produzirá, como acima o mostrámos, grandes e máximas figuras de poeta: erra portanto o professor Adolfo Coelho, primeiro quando acha inferiores os nossos novissimos poetas, e depois quando considera *messianismo* a ideia de um super-Camões, isto é, de um poeta máximo, inevitavel-

mente maior do que aquêlo poeta verdadeiramente grande, mas longe de ser um Dante ou um Shakespeare.

São estas, meu caro amigo, as considerações que julgo indispensaveis como resposta ao professor Adolfo Coelho. Servem, ao mesmo tempo, como viu, para responder a outros adversários da *Renasença Portuguesa*.

Repliquei com perfeita serenidade, 1.º porque o professor Adolfo Coelho com isenção de dureza escreveu, e 2.º porque de outro modo não poderia escrever em atenção á sua pessoa e ao seu jornal. Para o folheto que preparo reservo o tratar no tom que julgar merecido alguns individuos pouco intelligentes ou menos correctos, que teem deposto no seu inquérito.

Desculpe-me o espaço que lhe tomei e disponha sempre do seu amigo e admirador.—*Fernando Pessoa*.

O snr. Augusto Casimiro

responde aos snrs. dr. Julio
de Matos e Gomes Leal

Meu illustre camarada, senhor Boavida Portugal
—O talentoso escritôr Antero de Figueiredo, com a sua carta-aberta ao illustre psiquiatra, conseguiu resolver a indecisa intenção de me envolver, malcabidamente, na saneadora discussão que, numa hora infeliz e para bem das letras, o ex.^{mo} dr. Julio de Matos, com as suas declarações, promoveu.

Antero de Figueiredo não quiz mais, decerto, que suavisar com a sua superior ironia, a dolorosa situação em que o illustre sábio se encontra, por obra e graça do seu dogmatismo desde a hora em que v. na melhor das intenções, mas batendo a má porta, o abordou para abrir o seu util inquérito.

Ora eu sou, apezar dos meus *velhos* projectos de sisudez, um irreverente que facilmente se comove, mas que salta no inquieto desejo de aproveitar, para meu regalo, aquella desastrada má hora do psiquiatra illustre.

Disso me impede, já o digo, o acatador respeito que foi, no espirito dos meus compatriotas, susten-

O snr. Hernâni Cidade

faz uma síntese comentada
das ideias que passaram
através dos artigos aqui pu-
blicados

O snr. Hernâni Cidade, pela sua carreira de destaque na Faculdade de Letras de Lisboa e pelo que, por nós, entendemos que sabe, dá suficiente garantia de ponderação e proficiência, para que o público leia este seu artigo com o merecido interesse.

Depois dêle, os quatro ou cinco escritores que já sabemos irem escrever livros e folhetos a propósito dêste inquerito, farão a precisa análise de tudo que de notável passou através dêle.

Eis o artigo:

Meu caro Boavida Portugal:—Que lhe exponha a minha impressão do Inquerito—pede o meu amigo.

É justo. E não é sem certa solenidade de flâmínio antigo que eu me apresento a depôr. Sinto que o meu depoimento, ou antes, o seu convite

vale por uma metade do Inquerito... Mostra uma face inteira da questão, êsse convite!...

Qualitativamente, já estava conhecida a nossa crítica literária. Preciso era que quantitativamente ela se nos revelasse também, não é verdade? E daí, este convite—maneira finamente diplomática de provar que se exgota rápido a lista das competências desta Pátriasinha, tão dessorada e tão magrita...

O Boavida, afinal, em tudo foi duma graça inédita, nesta ideia do Inquerito. Que marota partida v. pregou á Crítica!... Em grandes ares pontificais, subiu v. ao altar em que se erguia hierático, esfumando em penumbra e incenso, o ídolo fulminador. E, grave e calmo, o dedo nos lábios a impôr silêncio, bateu-lhe rijamente na cabeça para que se ouvisse o oráculo—e a cabeça do estafermo ressoou, retumbante, de vacuidade e leveza...

Assim devia ser—e v. bem o previu—confesse...

Crítica literária em Portugal!...

Mas que olhar de adivinho a lobrigou jámais? Faltam-nos para ela:

1.º faculdades pacientes de análise e o dom divinatório da síntese;

2.º serenidade quasi religiosa nos processos e a desanuviada elevação de vistas;

3.º e quem sabe se também matéria a sério criticavel?...

E é porque tudo isso nos falta que, em Portu-

gal, ou é a critica um banal salamaleque de salas, ou uma descabelada diatribe de regateira ciumenta. E no geral, não passa de uma variabilíssima resultante dêstes factores: o *palpite*, a côr dos olhos do autor, o funcionamento gástrico do crítico, um juroso de favor oportuno, ajuste de contas em aberto, desde umas inconfessadas aventuras convergentes... E que sei eu?...

Isto, em geral, não é verdade? Que no Inquérito aparecem nomes a quem os novos devem o respeito com que se paga um legado de sciência ou arte, grande ou pequeno não importa, mas representando um trabalho honesto e perseverante, tão pouco vulgar nesta Pátria de sol e moscas...

Falo, é claro, dos novos que não forem por sistema atacados de uma fobia iconoclástica que é o mais decisivo contra-indicador da aptidão crítica.

Mas concretizando:

Eu dividirei os críticos deponentes em dois grupos principais.

1.º Os críticos da velha escola;

2.º Os críticos da nova escola, compreendendo:

a) os não-renascentes;

b) os renascentes.

Reduzo, é claro, o Inquérito á sua expressão mais simples, mas comprehensiva. Porque nem todos souberam depôr nêste tribunal literário. A complacência do snr. juiz permitiu até que, de quando em vez, um ou outro assistente, impaciente de alaridos escandalosos e sôfrego de olhares estranhos,

agitasse nas mãos charlatanescas a campainha do réclamo próprio...

Voltando, pois, aos críticos e *só aos críticos*.

Os primeiros apreciaram, em geral, por palpite, possivelmente na atonia contente das digestões opulentas. E como saíam dos poços escuros da sciência profunda, a espreitar, ás furtadelas, os horisontes azues, ou eram arrancados á paleontologia dos tempos distantes, para um meio psíquico diferente e consequentemente incompreendido, apenas dos seus veneráveis oráculos se logrou *ressaber*:

Que a literatura portuguesa a modo que anda assim impregnada de panteísmo, que substitue... os modelos quincentistas e arcádicos...

Que os sabios e os intellectuais do século se agrupam assim: tantos nesta sciência, uns pouquinho naquela, meia duzia para aqui, uns tres por junto para acolá... E que, pelo que respeita á poesia, vai menos mal. Di-lo-hiam os catálogos dos livreiros, se o não provasse o poeta Cunha filho, que o crítico muito aprecia...

Que, enfim, pelo visto nos autos e atendendo a que a ré, Literatura pátria, é uma criaturita franzina e inofensiva, embora ás vezes gritando impertinencias tôlas, fique-se em paz e socegadita, visto que *de minimis non curat praetor*, o que se traduzirá: de *coisas ordinárias* não curam os grandes homens.

Se quizer, entretanto, vir a ser gente, bátize-se e crisme-se, volva ao agápe cristão onde o crítico

alguns deles deteve lá pela altura das afirmações gerais e ondulantes, tão imprecizas, que á maravilha podem caber entre quaisquer paralelos do mundo culto... e tão banalizadas que nelas aeroplaniza ha muito a penuria intelectual dos lázaros do jornalismo?

Ou era a maneira cábula de fugir ás questões que jámais se analizaram?

Quem sabe?...

E no fundo da alma, perfurante sempre, cada vez mais e mais avolumava e pesava a interrogação já velha:

Em Portugal ha literatura nacional?

Em Portugal ha crítica literária?

*

E, então, eis que um novo grupo, radiante,

palmas na mão, cantando um cantico de esperança

se dirige a nós, num eureka esplendido, quasi comovedoramente sincero.

E clama:

—Em Portugal ha literatura nacional — e a mais original literatura moderna!

— Em Portugal ha crítica literária, porque se soube descobrir esta redentora verdade!

Ouçamos deste grupo o snr. F. Pessoa. Os seus confrades, não vale a pena. Nem o leitor perde em não contemplar as pirilampiscências de

grão-senhores monoculares, gesticulando rítmicos e sorrindo desdenhosos; nem seria edificante ouvir invectivar alguns, como empenhados em provar que o Pégaso não tem só azas e é carrascão grosseiro, ás vezes, a agua de Castalia...; comquanto talvez fosse divertido ver os modernos processos de prestidigitação-filológica, com que se consegue atafulhar numa palavra uma biblioteca de filosofias e literaturas, vestígios de não sei quantas raças e embriões de maravilhosas civilizações futuras — como quem recalca, num côco velho, um armazem de bric-à-brac e um armazem de modas...

Mas é tempo de ouvir o snr. Pessoa.

É um rapaz inteligente e estudioso. E, além destas qualidades tão raras, acumula a qualidade rarissima de saber responder aos adversários com ideias e com delicadeza. Na resposta do professor Adolfo Coelho ao inquérito e na réplica de F. Pessoa ao sábio lente da Faculdade de Letras, eu vejo resumido todo o Inquérito. Foram os dois críticos que mais inteligentemente e documentadamente traduziram as duas ideias, que correm, sobre a moderna literatura.

Que nos diz o snr. Pessoa?

1.º — Que a literatura portuguesa moderna se revela com uma equilibrada originalidade que é a máxima até agora por ela atingida, só comparavel á inglesa do periodo isabeliano e á grega do periodo homérico.

*

2.º Que essa originalidade não póde deixar de emanar de elementos nacionais.

3.º Que, concludentemente, os poetas portugueses de uma época muito próxima e talvez alguns dos da actual, ainda não revelados, porventura, hão-de ser supremamente grandes — águias olhando altivas para esse pintasilgo que foi Camões...

E daqui conclusões sociológicas interessantíssimas, pelo que revelam de escolasticamente engenhoso e quixotesicamente arrojado. Mas isso não foi exposto no artigo, e, portanto, fica deste lugar relegado.

Vejamos, porém:

Essa originalidade consiste para o sr. Pessoa numa nova atitude do artista, perante a Realidade. *E' unificada* que o artista vê a dualidade eterna que a constitue. E' a *Realidade-alma*.

Mas... *pelo filósofo*, essa atitude foi tomada ha muito tempo — desde os tempos do Hilozoismo grego. E modernamente, conhece o snr. Pessoa melhor que eu, talvez, o *naturalismo transcendental* de Scheling, afirmando a identificação da natureza e do espírito na suprema *realidade ontológica*. Traduzindo isto em humano, vem a dizer que, para o citado filósofo, entre os dois mundos não existem apenas analogias, paralelismos, relações traduzíveis pela comparativa distanciante *como*. Há uma verdadeira *identidade substancial*, uma verdadeira *Realidade-alma*, manifestando-se através

da universal existência numa crescente iluminação de consciência.

A natureza vem a ser assim um vago prelúdio apagado da orquestração wagneriana e maravilhosa que o *homo sapiens* concentra e traduz, não é verdade?

Pascoais, o poeta da bruma e do mistério, que ao mistério e á bruma deve — quem sabe? — a ampliação desfigurativa das modestas linhas que lhe contornam a personalidade poética, outra ideia fundamentalmente diferente não exprimiu, quando disse:

*Quando olhas para uma árvore, talvez ela
julgue que és um fantasma e tenha medo!
E quem sabe se as árvores são fantasmas
para o nostálgico e trágico rochedo?...*

Mas não é isto a expressão do sonho panteísta da iluminação crescente, pela consciência, da *unidade substancial da Realidade-alma*?

Em que consiste então a originalidade da literatura moderna?

Em condensar, pela primeira vez, tais nebulosas filosóficas em fúlgidas cristalizações artísticas? Mas eu recordo que, já segundo V. Hugo:

*Ce qui dit la bouche d'ombre
... c'est que vents, ondes, flammes,
Arbres, roseaux, rochers, tout vill
Tout est plein d'âmes.*

E, modernamente, Jean Lahor, por exemplo, não deixará também que sejam tomados e impostos como tipos de poesia original as composições pelo snr. Pessoa apontadas. E o leitor julgará se êle tem razão, quando o poeta francês, numa atitude mística de sacerdote do novo Credo e numa ternura efusiva e acolhedora de poeta das novas emoções, lhe disser convicto que

*Les fleurs ont des regards qui nous font souvenir
de grands yeux féminins attendris par les larmes,
et les beaux yeux des fleurs ont aussi tendres charmes.
Les fleurs révent, les fleurs frissonnent sous la nuit
Et
.
les roses au corps pâle, en écartant leurs voiles,
folles, semblent s'offrir aux baisers des étoiles.*

Entre êsses choupos em cujas almas a imaginação transfigurativa do snr. Cortezão descobriu almas de discípulos de Tomás de Aquino, e estas flôres em cujos corações o ouvido feminino de M. Lahor logra sentir corações de filhas de Heloisa, não lobrigo eu, no ponto de vista de atitude perante a Realidade, a mais pequena característica diferencial. Numa, como noutra, não há a *imaginação da analogia* entre fenómenos do espírito e da natureza, há a *compreensão, o sentimento da identidade substancial* em que êles eternamente se abraçam e fundem.

Em que consiste, pois, a originalidade da poe-

sia portuguesa? Tem que mostra-lo mais claramente o snr. Pessoa. E bem aneio por que o faça, pois não é com cinismo e sem maguado desconforto que vejo tombar em ruínas uma torre ebúrnea de maravilha e grandeza, arrojando-se ao alto, espiritualizando no azul num grito ressurgidor das nossas almas, não sei se para sempre mortas, se transitóriamente a dormir, exaustas...

Mas não conseguirá prová-lo, certamente!...

E, conseqüentemente, a Pátria portuguesa, pelo que respeita a criações civilizacionais, continuará na sua sonolência secular de Roldão aposentado...

E, conseqüentemente, Camões continuará muito sobranceiro á Brasileira e ao Martinho, embora o não erga muito acima da sua vizinhança de charlatães aquele boçalissimo pedestal, que bem receio não simbolize, assim grosseiro e inexpressivo e pesado, a alma truncada e deprimida da Pátria que lho erigiu...

Mais considerações nos sugere o artigo do snr. Pessoa. Mas este vai longo e eu só não fugirei a mostrar-lhe a minha estranheza pela facilidade com que infere a *nacionalidade* da nova corrente literária, do facto de meia duzia de poetas nela se agruparem e ser impossível, uma vez provada a sua originalidade, ter esta outra proveniência que não a do fundo sentimental da raça.

Por menor expansibilidade que se atribua ás ondulações imitatórias de Tarde, ficará ainda a bas-

tante para explicar essa comunidade de sentimento e ideia, nesta nova Tavola-Redonda onde tão enterrecida é a amizade e tão frequente o inter-cambio de filosofias, impressões, versos, elogios... Temos direito a exigir do snr. Pessoa provas menos apriorísticas dessa afirmação. O *folk-lore* português é rico. Procure o curioso crítico nêle qualquer germe que embrione essa decantada poesia nacional...

Mas o artigo já excede as medidas ordinárias. E nós chegamos ao fim da nossa tarefa. Com qual resultado?

Queríamos nós saber da beleza, virtude, graça e mais partes que concorriam na juvenil elegante que dá pelo nome de *Literatura Portuguesa*.

E vieram os velhos e negaram-lhe a paternidade, num arreganho escandalizado; motejaram-lhe os arrebiques extravagantes de *cocotte*, e encolhendo os hombros, num desdém olímpico, voltaram-lhe as costas.

E passaram depois os novos. Olharam-na sem respeito nem amor, envolveram-na numa indiferença gelada e quasi irónica e, sem lhe apontarem qualidades apreciáveis e inconfundíveis, disseram coisas vagas para, em cortezia de sala, mansa e prudente, lhe desculparem os defeitos... E retiraram apressados, como se estivessem constrangidos...

E, afinal, aproximaram-se os novísimos. No seu olhar exaltado e visionário nós sentimos arder a febre de um amor desvairante e cego... E foi de-

lirio e quiméra e fumo quanto da *Esposa dos cantares* ditiramicamente disseram...

E como ninguem mais restasse, a tristeza então gemeu na intimidade da minha alma. Pesava nela a sensação depressiva que experimenta quem atinge a vacuidade da negação e compreende a inutilidade do esforço e antegosta a amargura do desespero...

Bem queria sentir uma aurora de fé, raiando no frenesi de trombetas que nos chamassem á vida.

E, afinal, tenho na alma a impressão de cinzento e vago em que se esmaiasse o sonambulismo duma cegada, exalando plangências de cantochoão morrente, de repente varado por vibrações rápidas relampagueando numa fumarada rubra de marsehesa triunfante, logo esvaecida na impassibilidade do azul indiferente...

E no meu espirito, mais dolorosamente agora, perfura como um punhal e espirala como uma serpe, a interrogação antiga:

Em Portugal ha literatura nacional?

Em Portugal ha crítica literária? — *Hernâni Cidade*.

Termina com êste a série de artigos do nosso inquérito, pedidos uns, a sete ou oito dos nossos escritores e aceitos outros, a muitos ainda, que es-

pontaneamente vieram trazer a sua desinteressada colaboração.

Depois disto, diremos nós também algumas palavras, as quais, juntas áquelas que escrevemos na *República* do dia 3 de setembro, definirão bem o nosso papel, que muita gente vai tendo gosto em depreciar.

Entrámos neste inquérito com toda a calma de espírito, com toda a independência de interesses ou affectividades e, sobre tudo, perfeitamente consciões do que iamos fazer e, ainda mais, conhecedores do que em outros países se tem feito.

Mas, não nos antecipêmos.

Como já tivemos ensejo de dizer, está por pouco o nosso inquérito. Mais um artigo, e tudo estará terminado.

Os nossos leitores, que não puderam colecionar todos os artigos aqui publicados hão de tê-los, muito em breve, reunidos em volume, com vários outros depoimentos valiosíssimos que não alcançamos para agora.

Não perderão pela demora.

Post tantos tantosque labores... vamos pôr.

Ponto final

Muito poderosos e justos motivos nos levam a terminar aqui o inquérito. Os interessados nada perderão com isso, visto ser já copiosa bastante a documentação que vinhamos publicando.

Demais, o assunto foi debatido nas columnas da República durante quatro meses!

E, assim, ninguém dirá que é cêdo.

O inquérito por nós feito á literatura portuguesa contemporânea é, sob vários pontos de vista, uma lição.

Como em Portugal nada se fizera ainda neste sentido, tivemos de desbravar a selva, de bater o mato maninho da república das letras.

Foi, ao mesmo tempo, lição para os jornalistas que venham a abalançar-se a idêntica tarefa e foi-o também para os nossos intellectuais, a quem nunca foram pedidas contas das altas responsabilidades que tomaram escrevendo para o público. Foi, talvez, providencial que neles despertássemos a con-

sciência dessas responsabilidades. Se alguns, em verdade, a tem, noutros verificámos estar de todo obliterada.

— Mas que autoridade—tem-se por aí perguntado—tem F... para?... »

— Entre toda a gente a quem por ventura isso suceda, nós prezamo-nos de tomar a sério o nosso papel de jornalista. E ser jornalista é, para nós, alguma coisa mais do que rabiscar uns quartos de papel, justificativos do ordenado do mês, absolutamente falhos de qualquer ideal que não seja o escândalo do dia, falhos de qualquer fórmula que não seja o logar comum.

O jornalista, em face de um inquérito literário, tem um ideal e uma missão algo superiores. Se o escritor tem uma responsabilidade social efectiva, isto é: se o escritor é responsável pelo que sabe e escreve, perante a sociedade, o jornalista é a única entidade idónea para, em benefício da sociedade, chamar o escritor a essa responsabilidade. (A não ser que á sociedade fosse preciso fazer estrondosas reclamações, para obter o cumprimento dos compromissos sociais !)

Daqui se infere que o convite por nós feito aos escritores portugueses não significa o *pedido do obséquio de nos virem pejar as colunas do jornal*, mas alguma coisa de mais elevado para elles e para nós.

No caso do inquérito á vida literária portuguesa, nós traduzimos uma necessidade de orientação geral. Nesta hora em que todos parecem ter

perdido a noção de si próprios e daquilo que os cerca, tornava-se necessário inventariar toda a vida portuguesa, afim de contribuímos para a sua mais prática e fecunda orientação.

Sobre este ponto de partida que tomámos para efetuar o inquérito á literatura nacional, são bem claros os termos do nosso artigo de 3 de setembro último, neste logar publicado. Hoje, simplesmente, queremos dar conta do desempenho da nossa missão de procurador do grande público que lê, junto dos escritores. Se o jornalista exerce um papel activo dentro da opinião pública, temos o direito e até o dever de o fazer.

Sabemos recair sobre nós a gravíssima acusação de não havermos citado a depôr no inquérito figuras de destaque no nosso meio intelectual. Não é bem assim : é que nós ainda não dissémos os nomes de todos que consultámos e não quizeram responder. E detraz disto está toda uma via-dolorosa de esforços baldados, de respostas desanimadoras, de passos perdidos.

Por exemplo : os snrs. Manuel de Oliveira Ramos, lente da Universidade de Lisboa ; Eugénio de Castro, o poeta illustre ; Marcelino Mesquita, o dramaturgo insigne, nem se dignaram responder ás nossas cartas. Outros não quizeram depôr, como os snrs. José Sampaio (Bruno) *por andar mal disposto de espirito* ; Mendes dos Remédios *não pôde concentrar a atenção por envolvido nas lidas do governo academico* ; Carlos de Mesquita agradeceu o nosso excesso

de amabilidade, mas pediu que riscássemos da lista o seu nome, *por não poder dar uma resposta satisfatória*; Teixeira de Queiroz, confessou-se *humilde no caso, declinando a honra por não ser crítico, apesar de, como toda a gente, pensar, bem ou mal, alguma coisa sobre todos os nossos pontos de vista, que são outros tantos assuntos literários e filológicos*; Antero de Figueiredo disse não ser crítico e só os críticos poderem dar serenias respostas; mas para que nos não agastássemos inteiramente quiz responder ao quesito que perguntava qual o seu papel na literatura portuguesa com a palavra: *humílimo!*; Manuel da Silva Gaio, tendo dado todas as provas do seu apreço pela nossa ideia, *andava doente, oferecendo-se, aliás, para outra vez*; Coelho de Carvalho prometeu sempre, marcou muitos *rendez-vous* por só lhe faltar passar a resposta a limpo e... faltou sempre; Julio Dantas, depois de querer saber quem eram os companheiros que lhe havíamos escolhido (não pela sua pessoa, mas pelo lugar que ocupava...), encontrou bem, mas fugiu sempre; Guerra Junqueiro mandou-nos telegramas, falámos-lhe em Lisboa, prometeu sempre, mas...

Ora, com gente assim, nada de completo se pôde conseguir. Mas, enfim, foi a primeira e a falta de hábito desculpa-os. Para a outra vez...

Ouvimos ainda censurarem-nos pela violência das respostas de alguns escritores; mas a verdade é que nós os chamámos invocando a solenidade do acto, lembrando-lhes as responsabilidades, etc., e

quando os esperávamos, de luvas, colarinho lustroso e olhar sereno, que vimos?—alguns furiosos, olhar em braza, dizendo nomes feios, de mangas arregaçadas e punhos fechados.

Nós bem quizémos conduzir o espectáculo o mais sério e decentemente possível; mas os homens a quem chamáramos *intelectuais, directores, guias da sociedade, magos* e outros nomes bonitos, para tomarem tento em si, desmancharam-se todos, perderam a linha!

De quem é a culpa?—Só dêles!

Falou-se para aí e muito da nossa orientação. Mas quem poderia ajuizar dela, se apenas os interessados conheciam os quesitos do inquérito? o que dissemos no nosso primeiro artigo (na *Sinfonia de abertura*) foi o aspecto da questão e o memento. Os quesitos eram os seguintes:

- 1.º—*Aspectos da literatura portuguesa contemporânea; correntes dominantes no teatro, no romance na poesia.*
- 2.º—*Principais cultores e obras de merecimento que conseguiram impor-se e ainda as que o conseguiram imerecidamente.*
- 3.º—*Existirá uma renascença literária em Portugal? quais as suas ideias e tendências? quem as representa?*
- 4.º—*Como se classifica, qual o papel de V. Ex.^a dentro das letras portuguesas?*

Por aqui se vê que sabemos perguntar aquilo que desejamos conhecer. A nossa imparcialidade foi bem manifesta: os velhos teem a nossa gratidão pelo muito que nos ensinam e os novos a nossa

simpatia porque temos vinte e sete anos. Pena foi que alguns daqueles se mostrassem mal e estes perdessem a mais bela ocasião de se mostrarem bem, impondo-se á consideração geral.

Uns e outros não devem queixar-se de nós, nem do inquérito, mas dêles. Todavia, apesar das más linguas, é certo que alguma coisa de bom se fez. A psicologia do inquérito é bem a psicologia do momento. Sendo assim, conseguimos e que desejávamos.

A crítica do inquérito há de fazer-se. Se não, quebraremos os votos e iremos nós—que não temos querido entrar nesta questão como crítico—apreciar tudo que de bom e de mau se apurou com êle. E a imparcialidade, que atravez de tudo mantivemos, poderemos garanti-la ainda para isso.

Mas não será preciso. Já se prometem folhetos e livros e algum dêles virá, com talento, serenidade e justiça, poupar-nos a êsse trabalho, que nos póde dar tanto de prazer como de desgosto. O nosso papel dentro do inquérito está bem claro nêste e no primeiro artigo aqui publicado. Se, porém, alguma dúvida sincera surgir a nosso respeito e expendida nos devidos termos, cá estamos para a esclarecer. Aventureiros, despeitados e pouco polidos é que não podem contar com a nossa resposta. O público há de descobri-los tão depressa como nós.

Posto isto, vejamos, em síntese, os resultados obtidos.

O inquérito por nós realizado nas colunas da *República* conseguiu:

agitar ideias;

fazer justiça a muito nome ignorado, publicando-o e a muito nome conhecido, reduzindo-o ás devidas proporções;

trazer a público as mais desencontradas como autorizadas opiniões, dando lugar áquella discussão de que necessariamente saiu luz.

Sobre tudo, interessou milhares de espíritos, muitos dos quais não tinham outro meio de conhecer o estado actual da literatura portuguesa. Não falhou, pois, o inquérito.

III

A imprensa portuguesa
e o inquérito